

A PRIMAVERA ESCATOLÓGICA DE BRASÍLIA

Novembro de 1978. Dias quentes, ao fim de uma longa estiagem, marcaram aquele ano. Seria de esperar que quem vivia às margens do lago Paranoá sofresse menos com o clima incômodo. Qual o que! Os últimos dias daquele mês foram um verdadeiro inferno olfativo. Quase 20 anos de esgotos lançados às águas do lago produziram uma exalação pútrida que impregnou escolas, restaurantes, casas... a vida das pessoas. No dia 23 daquele mês, a manchete do *Correio Braziliense* foi "**Brasília fede**". Morar na orla era como ser vizinho do sexto dos infernos descritos pelo italiano Dante Alighieri.

Alunos do Instituto Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, às margens do lago, foram deslocados das salas de aula que ficavam de frente para o Paranoá. Muitos sentiam náuseas e ânsia de vômito e só não deixaram de freqüentar as aulas porque era justamente a semana de provas. A irmã Conceição Ramos chegou a pensar que houvesse um cadáver jogado às águas.

O restaurante Gaf, no centro comercial Gilberto Salomão, fechou as portas. Clientes e funcionários não suportavam o mau-cheiro. A própria Península dos ministros foi afetada pela onda fétida. Era tão ruim que "mau-cheiro" não expressa bem a situação. As expressões que usavam para descrever a sensação olfativa eram "fedor" e "catinga". A dona-de-casa Maria Matuschke comentou naquela época que não conseguia nem dormir por conta da exalação do lago apodrecido.

O então governador Elmo Se-rejo Farias atribuiu a situação à baixa no nível das águas depois da longa estiagem, o que teria deixado grande quantidade de resíduos nas praias formadas na orla. Não foi bem isso o que aconteceu, mas as noções do meio ambiente não eram tão difundidas então.

Ocorreu que o excesso de elementos químicos dos detritos dos esgotos provocou o chamado "Bloom" das algas que transformaram as águas do Paranoá num caldo esverdeado onde nem mesmo os mais resistentes peixes sobreviviam. Foi o maior desastre ecológico sofrido pelo lago.